

Mediação da leitura literária na formação de leitores infantojuvenis

Marta Cresia da Silva Silveira
marta.c.s.silveira@gmail.com

Patrícia Vargas Alencar
patricia.vargas@unirio.br

Recebido em: Abril 2024
Aceito em: Novembro 2024

Resumo

Este artigo focaliza a mediação da leitura literária na formação dos leitores infantojuvenis em ambiente escolar. Tem como objetivo geral apresentar estratégias de mediação de leitura que contribuem para o letramento literário. Nesse sentido, parte do pressuposto de que a leitura literária visa contribuir para a formação do leitor, pois possui recursos que ampliam a capacidade de conceber o mundo. Assim, investiga o papel do bibliotecário e do professor como mediadores na formação literária infantojuvenil, bem como estuda a escola como espaço para a mediação da leitura. Insere-se nas áreas de Letras, Pedagogia e Biblioteconomia. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico por considerar a revisão de textos pertinentes à temática em foco. Ademais, apresenta a sequência didática como uma estratégia que permite ajudar o mediador na sistematização de sua prática. Sua principal contribuição é trazer evidências de que o planejamento de ações para a leitura favorece a atuação do mediador no espaço escolar em prol da formação de leitores de literatura.

Palavras-chave: mediador de leitura; leitura literária; formação de leitores; sequência didática.

Mediation of literary reading in the training of childhood readers

Abstract

This article focuses on the mediation of literary reading in the formation of children and adolescent readers in a school environment. Its general aim is to present reading mediation strategies that contribute to literary literacy. It starts from the premise that literary reading aims to contribute to the formation of readers, as it has rich resources that broaden their ability to conceive of the world. To this end, it investigates the role of the librarian and the teacher as mediators in children's literary education, as well as studying the school as a space for reading mediation. It falls within the areas of Literature, Pedagogy, and Librarianship. This is a bibliographical study, as it considers the review of texts pertinent to the theme in focus. It presents the didactic sequence as a strategy to help mediators systematize their practice. Its main contribution is to provide evidence that the planning of actions for reading favors the mediator's performance in the school space in favor of the formation of readers of Literature.

Keywords: reading mediator; literary reading; training readers; didactic sequence.



É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (Lajolo, 2008, p. 106).

1 INTRODUÇÃO

Inserir o indivíduo na cultura letrada é contribuir, de forma efetiva, para sua formação e sua ação em sociedade, ampliando visões e interpretações sobre o mundo e em relação à própria vida. Isso porque a transmissão do conhecimento e a predisposição de inventar e elaborar narrativas atuam na formação de um indivíduo apto a ser inventivo, pronto para interagir no mundo. É nesse contexto que surge a leitura. É por meio dela que a criança maximiza sua imaginação e sua criatividade, apoderando-se da cultura e aumentando seu vocabulário e sua habilidade de comunicação.

Tendo em vista o papel da leitura na formação do leitor infantojuvenil e que a escola é a instituição norteadora para a sua mediação, questionamos: como promover, na prática pedagógica, a inserção da criança no mundo da leitura de forma a favorecer suas vivências e contribuir para a promoção de sua cidadania?

A fim de respondermos a essa indagação, adotamos como objeto de estudo de nossa pesquisa a mediação da leitura literária na formação do leitor infantojuvenil no espaço escolar. Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho consiste em apresentar estratégias de mediação de leitura que contribuem para a formação do leitor. Para tanto, perseguiremos dois objetivos específicos, a saber: a) definir o que é leitura, com o intuito de discutirmos os mecanismos de apropriação do texto literário; e b) investigar as formas de mediação da leitura no contexto escolar.

A presente pesquisa apresenta cunho qualitativo (Lüdke; André, 1986), uma vez que assume como norte a revisão bibliográfica pertinente ao tema. Amparamo-nos, assim, em leituras de artigos referentes ao escopo da mediação da leitura literária, desenvolvidos pelos seguintes pesquisadores: Petit (2009a, 2009b); Freire (1989); Candido (2011); Pereira (2009); e Rosa e Dubeux (2016).

Este trabalho organiza-se em três seções. Na primeira, intitulada *Leitura: concepções e formação do leitor*, apresentamos conceitos de leitura, literatura e suas contribuições para a formação do sujeito. Na segunda, *O papel do mediador de leitura no ambiente escolar*, recorreremos às pesquisas que discutem até que ponto bibliotecários e professores são mediadores. Na última seção, *Sistematização da mediação da leitura literária na escola*, investigamos em que medida a escola é um ambiente que possibilita libertação.

Por fim, justificamos a relevância deste trabalho, visto que discute a sistematização da prática da mediação da leitura literária na escola. Ademais, sua contribuição está no fato de apresentar diretrizes de atuação para o bibliotecário e o professor no processo de mediação, nos anos iniciais de escolarização, de modo a favorecer a promoção da cidadania.

2 LEITURA: CONCEPÇÕES E FORMAÇÃO DO LEITOR

No dicionário Aurélio (2008), encontramos o termo *leitura* como o ato, a arte ou o hábito de ler; aquilo que se lê; operação de percorrer, em um meio físico, sequências de marcas codificadas que representam informações registradas e reconvertê-las à forma anterior (como imagens, sons e dados para processamento). Desse modo, a leitura consiste na ação, na atitude e na inferência do indivíduo diante de códigos, resultado da leitura das informações presentes, dos conhecimentos prévios e do sentido dos símbolos gráficos.

Em se tratando do contexto escolar, a leitura é, muitas vezes, posta como ação

obrigatória, atividade sem sentido para obtenção de notas ou interpretação fora do contexto. No entanto, ela representa mais do que a decodificação de símbolos, visto que, para entendermos o significado real do texto, precisamos exercitar as habilidades de interpretação e compreensão. Por isso, a leitura não pode ser apresentada como atividade mecânica, utilizada apenas para corrigir o erro ou uma interpretação literal do texto, tampouco deve ser usada como pretexto para o ensino de regras gramaticais (Lajolo, 2009). O processo da leitura precisa, pois, ser abordado dentro de suas várias etapas.

A leitura nos remete a vivências de mundo, a exemplo da criança, que reconhece o lanche pelo rótulo. Conforme assinalado por Freire (1989), “a leitura do mundo antecede a leitura da palavra”. É nessa experimentação que o indivíduo constrói a sua leitura de mundo. Mediante experiências como assistir à televisão, ir ao mercado, brincar de faz de conta e participar de seu grupo social, sua visão de mundo é ampliada. Logo, quanto mais experiências, mais o indivíduo desenvolve sua leitura de mundo, o que lhe permite levantar hipóteses.

A relevância da leitura, portanto, vai além da compreensão do conteúdo. A prática de leitura aprimora as habilidades de decodificar, compreender, interpretar e reter¹. Nesse sentido, a leitura estimula e oferece suporte para a reflexão. O leitor, munido de poder criativo, autonomia e cidadania, desenvolve a capacidade que o homem tem de mais vital – o pensar. A leitura estimula a imaginação, impulsiona o pensamento e motiva o sonho, o qual se coloca como motor de todo o processo de concepção do homem como ser histórico.

Petit (2009a, p. 17) aponta que alguns indivíduos facilitam o processo de leitura, quais sejam “Os mediadores de livros: bibliotecários, fomentadores de leitura, professores que propõem experiências, junto com os seus pares”. Nesse cenário, surge o que a autora considera um elo entre o livro e o leitor: o mediador da leitura literária estabelecerá uma ponte entre eles e desmistificará a leitura.

A autora aborda, ainda, a leitura mediada, incentivando experiências compartilhadas, e a leitura em uma perspectiva coletiva, que mobiliza as pessoas, supera a repressão e gera aprendizados transformadores. Cabe, portanto, aos mediadores desenvolver ações que promovam a libertação e a autonomia, como rodas de leitura, debates literários e atividades colaborativas, que possibilitem aos leitores expressarem suas interpretações e construir conhecimentos de maneira coletiva.

Nesse contexto, emerge uma ferramenta didática, um instrumento de formação que provoca questionamentos: a literatura. Em tal perspectiva humanizadora, a literatura confirma o seu papel de alimentar o espírito e, ao mesmo tempo, seu papel transgressor, quando faz o leitor conhecer-se, compreender o meio em que vive e transpor barreiras como falta de estímulo e dificuldade de acesso aos textos literários. A literatura, da mesma forma, ensina a encontrar novos pontos de vista, dado que tem como característica os vários sentidos das palavras na língua, e faz o leitor deixar a zona de conforto, refletir e pensar sobre o aprendizado.

Petit (2009, p. 40), ao refletir sobre a literatura, assinala que:

A literatura é parte integrante da arte de habitar que nos resulta essencial, dessas atividades que, nas palavras do arquiteto Henri Gaudin, “nos familiarizam com o exterior, abrigam-nos, é claro, mas fazem com que atravessemos assoalhos, paredes, vigas, divisórias, colocam uns próximos dos outros, casas, árvores, tecem toda sorte de coisas ao nosso redor para tornarmos amigos, menos indiferentes a elas. Habitar é isso, dispor das coisas ao nosso redor. Diminuir a distância em relação à estranheza do que é exterior a nós. Tentar sair da confusão mental que provoca a incompreensibilidade inerente ao que está fora de nós.

O texto literário advém de recursos como os diversos significados das palavras,

¹ Habilidade em que o aluno deve ser capaz de fixar informações e poder utilizá-las posteriormente.

permitindo que representem mais de uma face da realidade. Dessa forma, provoca emoções e reflexões e causa prazer em decorrência de efeitos estéticos. Nesse sentido, Candido (2011, p. 176) define: “Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Assim, a literatura torna-se um espelho multifacetado da condição humana, capaz de conectar o leitor às profundezas de si mesmo e às complexidades do mundo ao redor. Por meio dela, é possível transcender limites culturais e temporais, experimentando realidades diversas que enriquecem a compreensão da vida e promovem a transformação pessoal e social.

A literatura atua como reflexo no qual o leitor entende a si próprio e elabora indagações sobre a sua subsistência. Nas palavras de Candido (2011, p. 177):

A função formadora da literatura não se refere ao ideal pedagógico, como um meio para repassar as ideologias. Acredita ser uma necessidade universal, o homem entra na literatura e sai entendendo o seu mundo melhor. Se é uma necessidade, é um direito. Também considera uma forma de equilíbrio, traz espontaneamente em si e no que caracterizamos de bem e o mal.

Desse modo, entendemos a literatura como forma de conhecimento do homem e do mundo. Por meio dela, temos contato com pessoas, pensamentos e culturas diferentes. Experimentamos realidades distintas e saímos da apatia social – fator primordial para a vida humana. Outrossim, ao interagir com o texto, o leitor faz a interpretação de sua própria história, aprende com base na reflexão e adquire uma nova postura diante da vida.

Por sua vez, a formação leitora acontece quando o leitor pode se reconstruir como ser humano, aperfeiçoando-se e reavaliando convicções, já que passa por experiências reveladoras por meio da leitura. Portanto, o professor deixa de ser transmissor de conhecimento e passa a ser um orientador, estimulador do processo de aprendizagem, o qual auxilia seus alunos a construírem conceitos, valores, atitudes e habilidades.

3 O PAPEL DO MEDIADOR DE LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR

A sociedade atual, caracterizada pela instantaneidade e pelo excesso de informações, exige dos mediadores novas estratégias para atrair e engajar os leitores. Na concepção de Lerner (2002, p. 27), tais desafios consistem em

[...] formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam “decifrar” o sistema de escrita [...]; formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece [...]; orientar para a formação de escritores [...]; conseguir que os alunos cheguem a ser produtores de língua, não apenas copistas [...]; conseguir que a escrita deixe de ser na escola somente um objeto de avaliação [...]; promover a descoberta e a utilização da escrita como instrumento de reflexão sobre o próprio pensamento [...]; combater a discriminação que a escola opera atualmente, não só quando cria o fracasso explícito daqueles que não consegue alfabetizar, como também quando impede aos outros – os que aparentemente não fracassam – chegar a ser leitores e produtores de textos competentes e autônomos.

As adversidades apontadas envolvem uma mudança profunda em âmbitos pedagógico, social e cultural. Isso significa compensar práticas tradicionais de ensino, promover a inclusão social por meio da leitura e criar um ambiente que valorize a literatura como ferramenta de transformação. Como Petit (2009b, p. 202) destacou, o mediador é “aquele que lhe dá uma oportunidade de alcançar uma nova etapa”. Logo, ele precisa abrir o mundo dos livros e

promover o gosto pela literatura. Docente e bibliotecário devem otimizar suas estratégias para a formação de leitores; criar instrumentos para favorecer o envolvimento com o livro e ajudar o aluno a selecionar obras, gêneros preferidos e tipos de histórias que gosta de ler; fazer, assim, com que se enxergue como sujeito leitor.

Outros desafios enfrentados pelos mediadores incluem despertar o interesse dos alunos, compreender suas dificuldades e construir caminhos que conduzam até os livros. Para ilustrar essa situação, Petit (2009b, p.45) realizadas na periferia francesa, as quais se assemelham à realidade brasileira no que diz respeito à formação dos alunos: “Já desorientados quando da passagem pela escola por volta dos quinze anos, esses rapazes não estavam prontos para enfrentar a universidade. Extremamente prejudicial é o bloqueio em relação aos livros, a hostilidade à leitura que muito demonstram”. Nesse contexto, a autora destacou como o trabalho do mediador pode romper barreiras, ressignificando a relação desses jovens com a leitura e transformando-a em uma prática inclusiva humanizadora, essencial para o desenvolvimento social e pessoal.

Os atuais modelos de sociedade impõem à escola uma preocupação com sua função social, o que, por sua vez, exige uma constante reestruturação das práticas pedagógicas ante as desigualdades sociais, a competitividade, o tecnicismo e a globalização. Isso nos faz refletir sobre modos mais humanos de educar, cabendo, portanto, a reflexão sobre o papel da escola no contexto social, suas práticas de ensino, seu projeto político-pedagógico, bem como a prática docente.

Outrossim, a comunidade escolar – composta por professores, gestores, pais e alunos – enxerga que o papel da escola ultrapassa os índices de avaliação ou desempenho escolar, compreendendo a educação como uma prática social voltada para o desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo, que capacita o aluno a se tornar um cidadão participativo. Nesse sentido, Petit (2009b, p. 21) explica que a escola promove uma “uma cidadania ativa – não é algo que cai do céu, é algo que se constrói.” Por meio da apropriação da leitura literária, criam-se condições favoráveis para o exercício da vida como um cidadão atuante. Assim, a escola se configura um espaço para a construção de uma cidadania consciente e ativa, na qual a educação vai além do repasse de conteúdos acadêmicos, permitindo ao aluno desenvolver uma crítica e uma compreensão participativa do mundo ao seu redor. Por isso,

Mas não é sem motivo que os poderes tenham temido tanto as leituras não controladas: a apropriação da língua, o acesso ao conhecimento, como também a tomada de distância, a elaboração de um mundo próprio, de uma reflexão própria, propiciados pela leitura, podem ser pré-requisito, a via de acesso ao exercício de um verdadeiro direito de cidadania. Pois os livros roubam um tempo do mundo, mas eles podem devolvê-lo, transformado e engrandecido, ao leitor. E ainda sugerir que podemos tornar parte ativa no nosso destino (Petit, 2009b, p. 177).

Em suma, a leitura literária se destaca nesse contexto de formação cidadã. Isso porque o autor utiliza a função poética da linguagem, a qual não carrega apenas o sentido aparente. Assim, a intenção comunicativa emerge, visto que a mensagem é compreendida em sua essência, e não somente a linguagem referencial, como em reportagens, revistas, manuais, bulas e, até mesmo, livros didáticos.

Sendo assim, a leitura literária, ao enriquecer o imaginário, resgata aspectos da realidade do indivíduo, como sentimentos, vivências e emoções que, em certos momentos, podem não ser facilmente acessados ou compreendidos, nem mesmo dentro do contexto familiar. Ela torna visíveis essas experiências, que, muitas vezes, ficam ocultas na rotina do cotidiano. Também torna visíveis sentimentos e emoções que, sem ela, talvez seriam ocultos. Isso porque a imaginação precisa ser enriquecida e disciplinada, e as atividades mentais e visuais devem ser treinadas.

Candido (2011, p. 177) acrescenta que “[...] assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem literatura. Desse modo, ela é o fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade”.

O sujeito é um ser social, complexo e que constrói questões pessoais, psicológicas e sociais ao longo da vida. Com esse desafio social, a escola precisa olhar o seu aluno como um ser integral. Por isso, deve ter em vista a formação do cidadão, que reflete e é consciente de seus direitos e deveres dentro da sociedade, sem a intenção apenas de reproduzir modelos padronizados, a fim de romper com as desigualdades e injustiças sociais.

Nesse viés, a leitura literária incumbe-se da formação da sociedade e de ideais éticos. A literatura contribui para o leitor repensar os princípios da sua comunidade e o incita a analisar as questões sociais. Transcende, pois, a atribuição ficcional, visto que, em seus escritos, há as convicções de seu tempo, como a atenção para a necessidade de incorporar um coletivo solidário e participativo, a fim de impedir a aceitação permissiva dos problemas sociais.

4 SISTEMATIZAÇÃO DA MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A todo momento, temos contato com diversos estilos e funções da leitura, a exemplo de notícias, editoriais, crônicas, poesias, receitas, passatempos, palavras-cruzadas, horóscopos, anúncios classificados, revistas periódicas, enciclopédias, dicionários e gramáticas. Diante de tal diversidade de textos e para lidar com agilidade com essa variedade, exige-se que o leitor conheça os detalhes de cada gênero textual, assim como adote práticas leitoras. Nesse sentido, Pereira (2009, p. 46) esclarece que,

[...] quando se trata de leitura, não cabe falar em “ensinar” ou “aprender”, mas em “mediar”, “apresentar”, “auxiliar” e “dar a conhecer”, porque é isso que se espera da escola: proporcionar situações reais de leitura; ajudar no estabelecimento de relações entre a leitura que se realiza na escola e a que se realiza na sociedade; oferecer ao aluno condições materiais e imateriais necessárias para o pleno desenvolvimento de suas capacidades e aptidões. Para isso, a escola utilizará instrumentos de informação que circulem socialmente e propor atividades elaboradas com o objetivo de ajudar o aluno a explorar e estabelecer suas próprias estratégias de leitura, que vão depender, entre outros aspectos, do tipo de texto e da finalidade dessa leitura.

Em se tratando de escola, Pereira (2009, p. 21) defende que “o professor que pretende levar seus alunos à proficiência leitora precisa empenhar-se em fornecer variadas oportunidades, quer dizer, provocar situações em que a leitura se faça necessária por diferentes – e reais – motivos”. Ademais, precisa levar os alunos a conhecerem os diferentes portadores textuais e a terem acesso a materiais impressos dos gêneros textuais, no sentido de fazê-los compreender seus objetivos e suas estratégias específicas e mostrar os vários tipos de leitura. Para tal, o professor deve promover desafios que estimulem o encantamento pela leitura e, assim, desenvolver sua prática.

Amaro (2017) complementa que o bibliotecário também desempenha papel crucial como mediador, uma vez que atua como elo entre os usuários e o conhecimento contido na biblioteca. Ao compreender as necessidades dos usuários, sua função extrapola a organização de livros e recursos, estendendo-se à facilitação do acesso à informação. Portanto, um fator distinto na sua cooperação para os que acessarem a biblioteca é tornar possível que eles alcancem os níveis de leitura que possibilitam se tornarem leitores proficientes.

Hábitos de leitura diversos favorecem a fluência leitora, até mesmo o ler por ler. Sendo assim, parece emergir um novo estágio para o trabalho com leitura nas escolas. Nessa perspectiva, os momentos de leitura que acontecem ora pelo professor, ora pelo aluno, na forma compartilhada, de sarau ou leitura dramática, ganham sentido, pois propiciam ao aluno

possibilidades para análise e interpretação do texto ou outras vivências.

Na concepção de Lerner (2002, p. 80), “cada situação de leitura responderá a um duplo propósito. Por um lado, um propósito didático: ensinar certos conteúdos constitutivos da prática social da leitura, com o objetivo de que o aluno possa reutilizá-los no futuro, em situações não-didáticas. Por outro lado, um propósito comunicativo relevante desde a perspectiva atual do aluno”. Desse modo, recomendou que se desenvolvessem projetos para exercer os propósitos sociais da leitura: ler para definir um problema prático; para escrever ou produzir um texto; para se informar acerca de um tema interessante; para buscar informações específicas; para escolher entre contos, poemas ou romances.

Com o objetivo de otimizar o tempo didático, Lerner (2002, p. 87) sugere que “criar essas condições requer pôr em ação diferentes modalidades organizativas: projetos, atividades habituais, sequências de situações e atividades independentes coexistem e se articulam ao longo do ano escolar”. O intuito, logo, é oportunizar que as crianças extraíam informações de diferentes fontes e propiciar a troca de ideias e a verificação de diversos pontos de vista, não apenas ler para aprender. Isso porque a leitura contribui para um dos objetivos do docente – formar novos leitores.

A mediação da leitura “exige preparação, diálogo, sensibilidade para as emoções que a literatura suscita” (Rosa; Dubeux, 2016, p. 42). Posto isso, as práticas de bibliotecários e professores propõem uma sensação de segurança, por meio de uma rotina, e fomentam momentos prazerosos de aprendizagens, experiências e contato com as linguagens. Essa harmonia consiste na integração entre mediador, planejamento pedagógico e organização do ambiente. Então, nesse contexto de prática da mediação da leitura, surge a sequência didática, metodologia de planejamento e rotina que ganhou espaço nas escolas brasileiras.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) definem que “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, que “procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação”. Em outros termos, “Sequência didática é um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim, conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (Zabala, 1998 apud Rosa; Debeux, 2016, p. 15).

Embora apresente uma nova formulação, a essência da sequência didática é antiga, dado que engloba a tradição do pensar pedagógico e organizado. Consiste em um trabalho planejado em uma série de atividades, em torno de um objetivo didático estipulado. Configura uma organização intencional porque ocorre de acordo com as competências e habilidades necessárias para os alunos, buscando elementos que articulem os conhecimentos. Em síntese, as sequências didáticas estruturam, organizam e permitem ampliar a aprendizagem.

Propor a sequência didática associada à mediação da leitura representa uma organização do trabalho pedagógico. Tal abordagem visa oferecer a bibliotecários e professores elementos do sistema de referência metodológica para a mediação da leitura, sobretudo de literatura, com a finalidade de possibilitar a aprendizagem das competências e habilidades do ano de escolaridade, o conhecimento de si e do mundo e ferramentas para a transformação da realidade social.

Alencar *et al.* (2020) argumentam que a estruturação de uma sequência didática eficaz envolve diversos elementos e requer o conhecimento prévio dos alunos. A seleção criteriosa dos gêneros textuais e dos tipos de textos é essencial para engajar os estudantes de maneira significativa. O preparo do ambiente precisa ser observado, a fim de haver um melhor aproveitamento das atividades. Além disso, o planejamento cuidadoso das ações, desde a definição de objetivos até a escolha de estratégias pedagógicas, assegura uma execução coesa e eficiente da sequência didática, promovendo um ambiente educacional enriquecedor. Sendo assim, a educação literária acontece de diferentes formas, por meio da sequência didática.

Nesse horizonte, dois apontamentos levantados por Rosa e Dubeux (2016) merecem atenção. O primeiro reside na vantagem dessa forma de organizar a prática pedagógica,

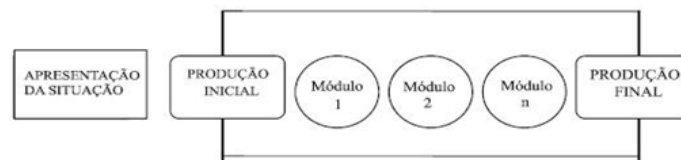
sobretudo em se tratando da educação literária. A sequência didática permite ao professor criar, pois, um acervo da sua escolha a ser trabalhado, organizar os conteúdos, diversificar os objetivos de ensino e definir as atividades.

O segundo encontra-se nas estratégias de mediação pedagógica que integram esse modo de organizar a prática, como os momentos criados para realizarem as leituras compartilhadas ou autônomas, os momentos de conversa em torno da leitura (antes, durante e após a leitura) e as produções orais e escritas de leitores durante eventos literários.

Em outros termos, as estratégias de mediação pedagógica são essenciais para potencializar o envolvimento dos alunos com os textos literários, tornando a leitura uma experiência interativa e reflexiva. As leituras compartilhada e autônoma, aliadas aos momentos de diálogo sobre o conteúdo, permitem que os alunos construam uma compreensão profunda e crítica das obras. Além disso, as produções orais e escritas durante eventos literários fortalecem a expressão e a criatividade, consolidando o papel da literatura como ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento integral.

A sequência didática distribui-se em momentos planejados e conduzidos pelo bibliotecário ou professor mediador, a fim de ofertar práticas e estratégias de mediação de leitura, tais como “provocações, mobilizações, interações, oralizações e produções” (Rosa; Debeux, 2016, p. 69). Assim, com objetivo de esclarecer as etapas da sequência didática Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) apresentaram o esquema presente na Figura 1.

Figura 1 – Esquema da sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).

Na primeira etapa, temos a apresentação inicial, a qual se destina a apresentar as características do gênero, destinatário, finalidade e material para suporte. Na segunda etapa acontece a produção inicial, uma tentativa de elaboração do gênero, cujo intuito é perceber as dificuldades e os desafios manifestados pelos alunos. Na terceira etapa, referente aos módulos – em que não há um número exato deles –, são trabalhados os problemas apresentados na produção inicial. Nessa fase ocorre a problematização: planejamento, elaboração do texto, com variações de atividades, e capitalização de informação. Por fim, na quarta etapa, a produção final possibilita ao aluno pôr em prática os conhecimentos adquiridos durante o processo, aplicando as habilidades desenvolvidas nas etapas anteriores.

A título de ilustração, ressaltamos o uso de uma sequência didática elaborada por Dubeux e Rosa (2016), descrita no capítulo *Assombração! Quem tem medo? Uma vivência literária*, do livro *Abriu-se a biblioteca... mitos, rimas, imagens, monstros, gente e bichos: literatura na escola e na comunidade*. A obra mostra relatos de mediações de bibliotecários na leitura com diferentes gêneros textuais. O mediador, de forma antecipada, organizou no canto da sala o acervo relacionado ao gênero escolhido, disponível e com fácil acesso para que despertasse interesse nos alunos, lendo-os ou folheando-os. Criou também uma ambientação na sala, com TNT preto na janela, para o ambiente ficar escuro, e algumas figuras para remeter ao tema. A ação relatada foi a atividade de exploração livre do acervo literário na sistematização, de acordo com a proposta da sequência didática.

Sendo assim, a utilização de sequência didática por bibliotecários e professores no planejamento de ações para a leitura literária é uma estratégia que potencializa o desenvolvimento de habilidades de leitura e compreensão dos alunos. A sequência didática pode organizar e estruturar o conteúdo, estimular e adaptar-se às necessidades do aluno, promover a intertextualidade e a interdisciplinaridade (Dubeux; Rosa, 2016).

Nesse jogo de quebra-cabeça da sequência didática, as peças organizativas das práticas do bibliotecário ou do professor incluem o planejamento e as atividades permanentes na rotina. O planejamento requer uma visão ampla do trabalho que o mediador deve desenvolver, pois tais peças são complementares, e deve considerar os objetivos e os conteúdos. As atividades permanentes, por sua vez, levam o aluno a se familiarizar com os conteúdos e a constituir hábitos. A fim de desenvolver comportamentos leitores e aprendizagem sobre a linguagem, é necessário planejar as tarefas, saber o tempo de duração delas, materiais que serão utilizados e os objetivos que se desejam alcançar.

Ademais, dentro da sequência didática, o mediador pode fixar o momento de conhecer o texto, antes da leitura, a exemplo de conto e reconto, jogos, brincadeiras e oficina com arte. Ter como primazia a construção de sentidos e ponderação acerca de múltiplas práticas de linguagem, corporizadas nos gêneros textuais. Nesse caso, a inferência do mediador é fundamental para a formação do leitor. Desde a arrumação do ambiente, disposição e escolha dos materiais, como livros, cartazes, músicas, poemas, poesias, diversos gêneros textuais, conhecidos ou não do aluno e com diferentes objetivos e duração. Passa pela acolhida, em que ele deve demonstrar seu prazer pela leitura. Também os momentos de observação e inferência junto com os alunos-leitores, até o momento de produção das atividades.

Alencar *et al.* (2020) concluem ao afirmar que a mediação da leitura com a sequência didática promove um trabalho de gêneros textuais na construção de sentido do texto, das características do gênero e no aprimoramento da capacidade de produção textual. Dessa forma, contribui, de fato, para a formação leitora e a educação literária, em especial na biblioteca, uma vez que representa um local de estadia da leitura sem limites no processo de ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, apresentamos uma estratégia de mediação da leitura literária. Nesse sentido, destacamos a importância da sequência didática como uma contribuição significativa para a área pedagógica, pois ela possibilita ao bibliotecário ou ao professor perceber que sua ação mediadora leva os alunos a desenvolverem autonomia, construir sua identidade e desenvolverem sua formação leitora.

O presente estudo possibilitou uma discussão sobre a maneira de planejar ações de leitura literária nos espaços da sala de aula e da biblioteca escolar. O bibliotecário e o professor, que atuam como mediadores, tornam viável o acesso a diferentes tipos de textos, fornecendo ao aluno ferramentas para poderem explorar as possibilidades e os sentidos das palavras com autonomia.

Nosso estudo apresentou a sequência didática como uma estratégia que organiza as práticas de leitura literária, de modo a contribuir para o planejamento da mediação por parte de professores e bibliotecários. As pesquisas discutidas reiteraram a leitura literária como agente na construção ativa da cidadania.

Dada a importância do assunto, torna-se necessário o desenvolvimento de discussões, pesquisas e projetos de formação de bibliotecários e professores para que possam desencadear competências e habilidades para garantir a oferta de práticas mediadoras da leitura na formação literária. Ademais, reforçamos o papel do professor e do bibliotecário como mediadores que contribuem para o letramento literário, considerado neste estudo como processo de apropriação de sentidos que favorece a atuação cidadã. Sua colaboração consiste em apresentar a sequência didática como uma sistematização que auxilia no planejamento de ações para a formação do leitor de literatura.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, P. V.; ARANTES, I. M.; CASIMIRO, L. C. da S. R.; SILVA, M. da. Sequência didática na formação de leitores: uma proposta para a mediação da leitura literária em bibliotecas. **Revista**



Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 16, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1322>. Acesso em: 23 fev. 2024.

AMARO, V. da R. **Mediação da leitura em bibliotecas**: revendo conceitos, repensando práticas. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgb/arquivo/vagner-da-rosa-amaro>. Acesso em: 5 mar. 2024.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: LIMA, Aldo de. **O direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento. In: DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Orgs.). **Leitura e escola**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível, o possível e o necessário. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PEREIRA, A. K. **Biblioteca na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

PETIT, M. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009a.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2. ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2009b.

ROSA, E. C. de S.; DUBEUX, M. H. S. **Abriu-se a biblioteca...** mitos, rimas, imagens, monstros, gente e bichos: literatura na escola e na comunidade. Recife: Editora UFPE, 2016.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.